

MUDANÇAS CLIMÁTICAS E A COMUNICAÇÃO DE RISCOS AMBIENTAIS: um estudo sobre a cobertura midiática das cheias dos rios no estado do Amazonas¹

Caroline de Jesus BARBOSA²
Israel de Jesus ROCHA³

Resumo

O presente artigo visa analisar o posicionamento da mídia local amazonense quanto aos riscos ambientais associados às mudanças climáticas. Para isso, procedeu uma análise de conteúdo de 35 notícias publicadas em portais de comunicação da Região Norte entre os anos de 2010 e 2019. O corte temporal foi escolhido devido as mudanças ocorridas na pauta após a cheia de 2012, a maior até o ano de realização da pesquisa. Foram consideradas as estratégias, as formas de comunicar os riscos ambientais e os processos de tradução de temas complexos e com efeitos não imediatos. Os resultados encontrados apontam as seguintes características: (I) utilização de uma carga dramática para despertar o interesse dos leitores; (II) o discurso científico é amplamente empregado pela mídia local para legitimar suas pautas; e (III) as pautas giram em torno do Rio Negro e de Manaus, sendo menos aprofundadas quando se trata dos municípios interioranos.

Palavras-chave: Riscos. Mudanças climáticas. Comunicação de riscos. Amazônia

Introdução

No mundo contemporâneo, a produção de conhecimento científico e tecnológico desenvolveu-se a tal ponto de produzir efeitos sociais e ambientais pretendidos e não pretendidos, associado aos inúmeros riscos em grandes e pequenas escalas. Seguindo essa pista, os riscos tecnológicos e ambientais são a chave, segundo Giddens (1990) e Beck (2010), para entender as características e transformações presentes nas sociedades modernas. Neste sentido, as consequências associadas à produção de riscos (BECK, 2010) abrem espaço para debates acerca de suas governança e comunicação, sobretudo àqueles relacionados ao desenvolvimento tecnológico.

¹ Este artigo é o resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada entre os anos de 2019 e 2020 na Universidade Federal do Amazonas.

² Graduanda em Comunicação Social- Relações Públicas da UFAM. E-mail: caroldejesusb@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Sociais pela UFBA. Membro do grupo de pesquisa de Gestão da Informação e do Conhecimento na Amazônia e Professor do Curso de Comunicação Social - Relações Públicas da UFAM. E-mail: israelrocha@ufam.edu.br

Diante deste cenário, este artigo tem como objetivo analisar como a imprensa local cobre os casos de riscos que podem estar associados às mudanças climáticas na Região Amazônica. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa coletou e agrupou 35 matérias publicadas em portais de notícias locais, utilizando o recorte de tempo de 2010 a 2019. Devido ao impacto causado pela cheia de 2012, a maior já ocorrida até o ano de catalogação do material, a pauta sofreu mudanças, por isto, optou-se por utilizar matérias anteriores e posteriores a este fato.

As notícias foram organizadas de acordo com as premissas metodológicas da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Após a coleta, os conteúdos foram analisados, categorizados e alocados em subcategorias. Após descrição prévia das notícias e sua categorização, foram analisados os enquadramentos desenvolvidos pelos jornais locais em torno dos riscos tecnológicos e ambientais.

Sociedade de riscos

Segundo Beck (2010), os riscos associados ao desenvolvimento tecnológico atingem uma escala global, sem fazer diferenciação entre classe social, fronteiras ou poder aquisitivo. Devido a sua abrangência, os riscos relativizam a relação de classes que fundamentava a sociedade dos primeiros ciclos industriais e fazem com que todas as pessoas estejam sujeitas a eles. Beck (2010) ainda afirma que a produção de riquezas gera de riscos intrínsecos que passaram a ter impacto global, atingem a todos, mesmo aqueles que os produzem.

Neste processo, Giddens (1990) passa a considerar o risco um elemento central para entender a modernidade, colocando em evidência a relação entre leigos e peritos. O autor aponta que a maior especificidade diz respeito ao fato que tanto os peritos quanto os leigos vivem em constante alerta sobre os riscos. Portanto, para ele, a sociedade de risco também é sobre as novas relações entre o leigo e o perito.

Giddens (1990) afirma que a modernidade é permeada pela dualidade, ao mesmo tempo em que são criadas oportunidades para a sociedade sentir-se mais segura, há o ônus advindo da confiança depositada em sistemas abstratos. Uma das características pós-modernas ressaltadas pelo autor é a ruptura entre espaço e tempo, reordenando-os de

maneira que as relações sociais sejam reorganizadas de forma reflexiva. Elas são fomentadas por influências geograficamente distantes, sendo continuamente modificadas pela inserção de novos conhecimentos. A reflexibilidade é outra característica da sociedade pós-moderna destacada pelo autor, a tradição é posta de lado à medida que a sociedade passa a refletir sobre as práticas sociais, reformulando-as à medida que novos conhecimentos são produzidos pela ciência. Sendo assim, todo conhecimento é reflexivo e não se pode garantir que ele nunca será revisado, ou seja, novos riscos intrínsecos sempre poderão surgir.

Para Giddens (1990), os sistemas peritos influenciam como as pessoas vivem seu cotidiano. O indivíduo confia na produção do perito, a qual visa a redução dos riscos intrínsecos a novas tecnologias. Esta confiança se dá devido a credibilidade advinda de um sistema que demonstra resultados positivos. O perito enquanto sistema, dessa forma, assume um risco calculado e estabelece o nível de aceitabilidade. O leigo, por estar diretamente ligado a situação ou ao produto manufaturado, desenvolve um conhecimento prático da situação ou produto que pode produzir assimetrias na relação leigos e peritos. Beck (2010) afirma que apesar de muitos cientistas trabalharem da melhor forma possível para calcular os riscos seu sucesso ainda depende de expectativas e valores sociais.

Comunicação de riscos tecnológicos e ambientais

Segundo Di Giulio et al. (2008) e Lourenço e Marchiori (2012), a complexidade do enfrentamento dos riscos na sociedade contemporânea tornou necessária uma nova abordagem para manejá-los. Este deslocamento de perspectiva compreende que aqueles que experienciam direta ou indiretamente as consequências dos riscos precisam estar presentes no agendamento das pautas e discussões sobre as medidas a serem tomadas, já que lidam com os riscos em seu dia a dia e dessa forma acabam por desenvolver uma compreensão sobre as consequências dos riscos.

A comunicação de riscos emerge como um processo de troca de informações entre as instituições e os indivíduos sobre potenciais riscos. Seu desenvolvimento surge da necessidade de uma articulação entre a produção de riscos modernos e sua comunicação de forma ampla e eficaz por parte das organizações. O perito produz o conhecimento

científico e a comunicação de riscos traduz estes saberes para a população. Todos os agentes deste processo devem ser alcançados para que haja sucesso na gestão dos riscos. Sendo assim, a comunicação de risco deve ser devidamente eficiente para que a distância entre leigos e peritos diminua.

Neste sentido, os riscos passam a ser vistos como construções sociais que passam por diversos processos, e a visão técnica é apenas um de seus aspectos diante dos seus desdobramentos sociais, econômicos e políticos. Os envolvidos podem expor sua interpretação e suas estratégias para lidar com eles. A partir desta premissa, compreendemos que o conhecimento leigo também desempenha um papel importante no processo de configuração dos riscos, para além das análises técnicas dos sistemas peritos. Neste sentido, deve-se deslocar a atenção para a percepção que desenvolvemos sobre os riscos, em razão da ampliação de suas consequências face a seu desconhecimento.

Muito mais do que informar, a comunicação de riscos é capaz de criar laços entre as partes, seja entre uma organização e a comunidade ou mesmo entre governos e a população. De acordo com Lourenço e Marchiori (2012), com laços fortes, a confiança é estabelecida, possibilitando a melhor interação entre os sujeitos e identificando suas características. Para os autores, este processo permite a compreensão dos riscos eminentes, minimizando seus impactos.

Mudanças climáticas e o papel da mídia

As mudanças climáticas e seus riscos para a sociedade são um tema recente na política global. De acordo com Almeida (2019), até os anos de 1960 a pauta não estava presente nem mesmo no âmbito acadêmico. Argumentos sobre os riscos gerados pelo processo industrial inicialmente eram vistos de forma negativa pois eram “contrários” ao desenvolvimento econômico. No entanto, com o passar dos anos, os riscos envolvendo as mudanças climáticas tornaram-se conhecidos a partir da ampliação dos estudos científicos e em razão de seus impactos no cotidiano dos indivíduos.

Ainda para Almeida (2019), as mudanças climáticas extrapolam o nível técnico e tomam proporções sociais de escala global. Tal fato chamou a atenção da Organização das Nações Unidas (ONU) para seus impactos, que decidiu estruturar um fórum que

pautasse a discussão destas questões. Deste processo surgiu o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), o qual a cada cinco anos produz e publica relatórios sobre o clima global, sugerindo mudanças para a mitigação das consequências negativas dos fenômenos climáticos e adaptação da sociedade a eles.

Com a emergência da questão climática como um problema concernido a muitos atores, Almeida (2019) argumenta que a pauta tem se tornado agenda governamental de diversos países e sua institucionalização mobiliza a participação de diversos atores sociais, além das instituições científicas. Neste processo, a mídia se configura como ator social importante na construção da percepção dos riscos. Os indivíduos, em diversas situações do cotidiano, baseiam a compreensão dos fenômenos que os cercam a partir das pautas midiáticas. Segundo Di Giulio e Rodas (2017), a mídia tem destaque no processo dos riscos pois legitima e visibiliza os enfrentamentos ambientais, quanto maior e mais contínua for a abordagem sobre o tema, mais o público tende a aderir uma agenda programática.

Di Giulio e Rodas (2017) destacam que as pautas tendem a ser destinadas a eventos pontuais e de caráter internacional por despertarem tensões políticas, pois quanto mais dramaticidade e entretenimento é oferecido ao público mais desperta interesse e consumo. Sendo assim, as autoras destacam que existem pré-requisitos para que um tema seja pautado pela mídia, os chamados critérios de noticiabilidade.

Para ganhar proeminência, um problema ambiental deve ser moldado em consonância com conceitos culturais existentes, deve ser articulado com as agendas política e científica, ter relação com o presente (e menos com o futuro) e ter uma agenda de ação atrelada ao nível internacional ou ao nível de uma comunidade local. (DI GIULIO; RODAS, 2017, p.106)

Portanto, os assuntos veiculados pela mídia dependem da possibilidade de uma resposta positiva do público atrelada aos aspectos culturais, as agendas política e científica, a proximidade com o cotidiano, a raridade, a existência de um conflito, a amplitude e a frequência do evento.

Produção de credibilidade

A credibilidade do meio de informação é parte crucial no envolvimento da população com o processo de enfrentamento dos riscos ambientais e tecnológicos. É

preciso uma confiança no emissor da notícia para que as informações científicas apresentadas pela mídia de forma “traduzida” cheguem ao público mais amplo. Lisboa (2012) argumenta que a forma como é produzido o juízo da credibilidade de um veículo de informação diz respeito ao grau de confiança depositada nele, assim como qualquer fonte de informação. A credibilidade é criada a partir de uma relação sustentada na qualidade da informação, na veracidade e na crença depositada no discurso.

No âmbito jornalístico, a confiança do público nas informações apresentadas pelo meio de mídia gera credibilidade. No entanto, quando as notícias são inconsistentes, ou falsas, o preço a ser pago é a perda dela, dando descrédito ao veículo perante seus públicos. O leitor faz uma avaliação própria sobre o que lhe é apresentado pela mídia e a partir de suas experiências ele classifica quem considera uma boa fonte de informação. Existem variáveis que influenciam este processo, dentre elas se destacam: a ideologia política e a cultura.

Neste sentido, a credibilidade do discurso exige confiança na forma como ele é produzido. O discurso científico é um exemplo de confiabilidade perante a sociedade. As pesquisas científicas passam por diversas provações para serem comprovadamente validadas, gerando um grau de confiabilidade em sua narrativa sustentada pelos dados, ainda que uma narrativa provisória e precária que a todo momento passa por revisões entre os pares.

No caso da ciência, por exemplo, há um conhecimento, de certa forma consensual, de que os métodos científicos, pelo menos idealmente, previnem erros. Os cientistas são obrigados a publicar o resultado de experimentos e formulações teóricas em revistas especializadas, têm de repetir testes para confirmar os achados e passam por vários níveis de avaliações de seus pares que reduzem substancialmente a chance de ocorrer fraudes ou imprecisões. Quanto mais próximo do funcionamento ideal, mais seus resultados são confiáveis. Mesmo assim, a ciência não está livre de falhas. (LISBOA, 2012, p.12)

Os públicos não vinculados à ciência encaram a pesquisa científica de forma ideal, sentindo-se seguro quanto a verdade das informações emitidas por um pesquisador ou órgão científico. As traduções realizadas pela mídia especializada na cobertura da produção científica permitem aos públicos acesso às leituras dos fatos produzidos pela ciência a partir de formas e regras do jornalismo profissional. Um exemplo desta dinâmica

é o retrato das mudanças climáticas na mídia. Por ser um tema complexo para os leigos, a mídia tem a função de intermediar a leitura dos estudos científicos com o objetivo de torná-los compreensíveis ao público mais amplo.

Segundo Di Giulio e Rodas (2017), a produção de notícias interfere na construção dos sentidos sociais e os meios de comunicação têm o poder de trazer à tona temas passíveis de debate público. Quanto maior a ênfase dada ao assunto, maior será a importância dada pelo público. Os autores afirmam que ela está presente na formação de opinião e de agendas públicas sobre os fenômenos climáticos e ambientais, porém ainda existe dificuldade na aproximação do público com a questão. Para fomentar a credibilidade dos ciclos de traduções do debate científico nas notícias produzidas, os veículos de comunicação procuram se cercar de pesquisadores e instituições que validam os temas tratados.

Cheias dos rios e a mídia local amazonense

A população amazonense tem uma estreita relação com o ciclo dos rios que cercam a capital e os demais municípios da região. Este processo afeta diretamente o cotidiano dos indivíduos em diversos âmbitos, seja no acesso a alimentos, no transporte fluvial ou mesmo no convívio urbano. Devido às enchentes, os cidadãos precisam lidar com diversos riscos. Por fazer parte da vida do amazonense, os riscos associados aos ciclos dos rios se tornam uma pauta amplamente divulgada nos meios de comunicação locais visando alertar o cidadão.

Neste sentido, a mídia age como um elo entre os órgãos especializados locais e a população, levando informações relevantes para o cidadão de forma com que ele compreenda facilmente. A partir dessa premissa, esta pesquisa procurou compreender este processo de troca de informação por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), uma estratégia metodológica que se adequa tanto a pesquisas qualitativas quanto a pesquisas quantitativas. Seguindo os passos metodológicos, a análise é dividida em três momentos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Para esta pesquisa foram coletadas 35 notícias sobre a cheia dos rios no Estado do Amazonas, veiculadas em portais de notícias locais de grande alcance, para serem analisadas por

meio da análise de conteúdo. O recorte de tempo material coletado (2010-2019) foi escolhido devido à forte influência da cheia do Rio Negro no ano de 2012 na pauta local, por se tratar da maior já registrada, foi proposto um período que contemplasse matérias anteriores e posteriores a este marco, para que pudesse haver um comparativo⁴.

Na pré-análise realizamos uma leitura flutuante sobre materiais diversos para delimitar que gênero documental escolhido, no caso desta pesquisa foram as notícias jornalísticas, para assim, montar o *corpus* da pesquisa (documentos a serem analisados) seguindo as regras da exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade.

A partir do *corpus* da pesquisa foram levantadas as seguintes hipóteses: (I) é utilizada uma carga dramática para despertar o interesse do leitor por meio do resgate da memória das cheias recorde/históricas; (II) o discurso científico é amplamente empregado pela mídia local para embasar a pauta, muitas vezes, fazendo uso do nome de órgãos especializados no assunto para transparecer credibilidade para o leitor; e (III) a pauta gira em torno do Rio Negro e de Manaus, sendo menos aprofundada quando se trata dos rios do interior do estado do Amazonas. Tais suposições foram elaboradas com base nos indicadores identificados nos títulos das matérias, são eles: Manaus, histórica, enchente, cheia, recorde, Rio Negro, rios, mídia, Amazonas.

Durante a preparação do material, as notícias foram estruturadas por ano de publicação e enunciado intacto.

Tabela 1 – Notícias catalogadas por ano e enunciado

| Ano | Data | Portal de notícias | Título da matéria |
|------|------------|--------------------|--|
| 2010 | 12/04/2010 | D24AM | Rios da Amazônia terão cheia menor em 2010 |

⁴ Em 2021 Manaus registrou a maior enchente da história, com 30,02 metros, desde o início da contagem em 1902. As matérias que relatam essa nova enchente não são objeto de análise desse artigo.

| | | | |
|------|------------|-----------------|--|
| 2012 | 16/05/2012 | A Crítica | Amazonas registra a maior cheia em 110 anos |
| | 25/03/2012 | A Crítica | Cheia dos rios já afeta Parintins no Amazonas |
| | 31/05/2012 | G1 | Com 29,78 m, Rio Negro tem novo recorde e ultrapassa cheia de 2009 |
| 2013 | 16/03/2013 | D24AM | Poluição das águas agrava risco de doença com as cheias |
| | 01/04/2013 | G1 | Serviço Geológico descarta cheia recorde em 2013, no Amazonas |
| | 08/04/2013 | G1 | Cheia dos rios alaga casas e ruas em Eirunepé, no Amazonas |
| 2014 | 17/05/2014 | A Crítica | Enchente do Amazonas está próxima da cota recorde de 2009 |
| | 25/05/2014 | G1 | Com cheia do Rio Negro, Manaus decreta situação de emergência |
| | 25/05/2014 | G1 | Nível do Rio Negro em Manaus atinge cota de emergência, diz CPRM |
| | 06/06/2014 | G1 | Rio Negro alcança 29,44m e Manaus registra quinta maior cheia, diz CPRM |
| 2015 | 27/05/2015 | G1 | Nível do Rio Solimões fica a 28 cm de cheia recorde em Manacapuru, no AM |
| | 06/06/2015 | G1 | Cheia deste ano poderá ser 2ª maior da história de Manaus, diz CPRM |
| 2016 | 29/03/2016 | G1 | Cheia dos rios Solimões e Javari inunda áreas de município no AM |
| | 31/05/2016 | G1 | Cheia do Rio Negro deve ficar abaixo da média em 2016, diz CPRM no AM |
| 2017 | 14/02/2017 | Portal Amazônia | Amazonas prepara plano de ação para cheia de 2017 |
| | 21/03/2017 | Portal Amazônia | Poder destruidor da água: enchentes intensas na Amazônia |

| | | | |
|------|------------|-----------------|---|
| | 23/03/2017 | A Crítica | Cheia deste ano estará entre as 12 maiores dos últimos 115 anos |
| | 22/04/2017 | G1 | Rio Negro está a 2 metros de cheia histórica, em Manaus |
| | 02/05/2017 | G1 | Enchente deixa cidades do AM em emergência e impacta produção rural |
| | 03/05/2017 | Portal Amazônia | Alerta: enchente do Rio Negro pode ser segunda maior em Manaus, diz CPRM |
| | 03/06/2017 | G1 | Nível do Rio Negro em Manaus atinge cota de emergência para inundações |
| | 25/10/2017 | Em Tempo | Defesa Civil do Amazonas destaca possibilidade de grande cheia para 2018 |
| 2018 | 20/03/2018 | D24AM | Cheia do rio Negro não deve afetar Manaus e zonas rurais, aponta pesquisador |
| | 20/04/2018 | Em Tempo | Começam trabalhos de prevenção contra cheia em Manaus |
| | 30/05/2018 | A Crítica | Cheia do rio Negro em Manaus deve atingir nível máximo 28,70 metros em 2018 |
| | 08/01/2018 | A Crítica | Rio Negro está a 11 centímetros de atingir mesma marca registrada em janeiro de 2012 |
| | 10/12/2018 | A Crítica | Rios do Amazonas dão sinais de grande cheia para 2019; Defesa Civil prepara ações |
| | 10/12/2018 | A Crítica | Amazonas tem 'alerta amarelo' para cheia dos rios em 2019 |
| 2019 | 12/01/2019 | G1 | Defesa Civil coloca 12 municípios do Amazonas em 'Estado de Atenção' |
| | 04/02/2019 | G1 | Devido a cheia do Rio Amazonas, Parintins decreta estado de atenção |
| | 12/02/2019 | Em Tempo | Enchente dos rios no AM afeta 375 mil pessoas no AM; famílias recebem ajuda humanitária |

| | | | |
|--|------------|-----------|--|
| | 02/03/2019 | Em Tempo | Enchente atinge produção de frutas e hortaliças em municípios do AM |
| | 21/06/2019 | A Crítica | Cheia dos rios do AM causa prejuízo de R\$ 60 milhões a produtores |
| | 14/07/2019 | G1 | Nível do Rio Negro reduz mais de 30 cm nos últimos dias, aponta CPRM |

Fonte: Elaboração dos autores (2021)

Depois de realizada a exploração do material, passamos para a fase de codificação na qual realizamos as escolhas das unidades de registro e de contexto, das regras de contagem e das categorias que serão utilizadas.

A categorização divide-se em duas etapas: o inventário e a classificação. Na primeira etapa isolam-se os elementos comuns e na segunda os elementos são divididos e organizados. A unidade de registro escolhida para ser o foco da análise é o personagem, descrito por Bardin (2016) como o ator envolvido na questão chave, podendo ser escolhido como unidade de registro e a análise, conseqüentemente, é baseada em seus atributos. Nesta pesquisa o personagem é representado pelas instituições e órgãos especializados e as matérias foram agrupadas de acordo com sua presença. Caso a matéria cite dois órgãos, o mais expressivo será categorizado, dando preferência aos desenvolvedores de pesquisa na área. Após a categorização foi realizada a subcategorização, levando em consideração o direcionamento da matéria, se ela tratava dos rios do interior do estado ou da capital. A regra de expressividade também se aplica as subcategorias.

Tabela 2 – Notícias após subcategorização

| Data | Título da matéria | Órgão citado | Direcionamento |
|-------------|--|---------------------|-----------------------|
| 12/04/2010 | Rios da Amazônia terão cheia menor em 2010 | INPA | Capital |

| | | | |
|------------|--|--------------|----------|
| 16/05/2012 | Amazonas registra a maior cheia em 110 anos | CPRM | Capital |
| 25/03/2012 | Cheia dos rios já afeta Parintins no Amazonas | Defesa civil | Interior |
| 31/05/2012 | Com 29,78 m, Rio Negro tem novo recorde e ultrapassa cheia de 2009 | CPRM | Capital |
| 16/03/2013 | Poluição das águas agrava risco de doença com as cheias | Outros | Capital |
| 01/04/2013 | Serviço Geológico descarta cheia recorde em 2013, no Amazonas | CPRM | Capital |
| 08/04/2013 | Cheia dos rios alaga casas e ruas em Eirunepé, no Amazonas | Defesa civil | Interior |
| 17/05/2014 | Enchente do Amazonas está próxima da cota recorde de 2009 | Defesa civil | Interior |
| 25/05/2014 | Com cheia do Rio Negro, Manaus decreta situação de emergência | CPRM | Capital |
| 25/05/2014 | Nível do Rio Negro em Manaus atinge cota de emergência, diz CPRM | CPRM | Capital |
| 06/06/2014 | Rio Negro alcança 29,44m e Manaus registra quinta maior cheia, diz CPRM | CPRM | Capital |
| 27/05/2015 | Nível do Rio Solimões fica a 28 cm de cheia recorde em Manacapuru, no AM | Defesa civil | Interior |
| 06/06/2015 | Cheia deste ano poderá ser 2ª maior da história de Manaus, diz CPRM | CPRM | Capital |
| 29/03/2016 | Cheia dos rios Solimões e Javari inunda áreas de município no AM | Defesa civil | Interior |
| 31/05/2016 | Cheia do Rio Negro deve ficar abaixo da média em 2016, diz CPRM no AM | CPRM | Capital |

| | | | |
|------------|--|--------------|----------|
| 14/02/2017 | Amazonas prepara plano de ação para cheia de 2017 | CPRM | Interior |
| 21/03/2017 | Poder destruidor da água: enchentes intensas na Amazônia | INPA | Interior |
| 23/03/2017 | Cheia deste ano estará entre as 12 maiores dos últimos 115 anos | INPA | Capital |
| 22/04/2017 | Rio Negro está a 2 metros de cheia histórica, em Manaus | CPRM | Capital |
| 02/05/2017 | Enchente deixa cidades do AM em emergência e impacta produção rural | CPRM | Interior |
| 03/05/2017 | Alerta: enchente do Rio Negro pode ser segunda maior em Manaus, diz CPRM | CPRM | Interior |
| 03/06/2017 | Nível do Rio Negro em Manaus atinge cota de emergência para inundações | CPRM | Capital |
| 25/10/2017 | Defesa Civil do Amazonas destaca possibilidade de grande cheia para 2018 | Defesa civil | Interior |
| 20/03/2018 | Cheia do rio Negro não deve afetar Manaus e zonas rurais, aponta pesquisador | INPA | Capital |
| 20/04/2018 | Começam trabalhos de prevenção contra cheia em Manaus | Outros | Capital |
| 30/05/2018 | Cheia do rio Negro em Manaus deve atingir nível máximo 28,70 metros em 2018 | CPRM | Capital |
| 08/01/2018 | Rio Negro está a 11 centímetros de atingir mesma marca registrada em janeiro de 2012 | CPRM | Capital |

| | | | |
|------------|---|--------------|----------|
| 10/12/2018 | Rios do Amazonas dão sinais de grande cheia para 2019; Defesa Civil prepara ações | CPRM | Interior |
| 10/12/2018 | Amazonas tem 'alerta amarelo' para cheia dos rios em 2019 | CPRM | Interior |
| 12/01/2019 | Defesa Civil coloca 12 municípios do Amazonas em 'Estado de Atenção' | Defesa civil | Interior |
| 04/02/2019 | Devido a cheia do Rio Amazonas, Parintins decreta estado de atenção | CPRM | Interior |
| 12/02/2019 | Enchente dos rios no AM afeta 375 mil pessoas no AM; famílias recebem ajuda humanitária | Defesa civil | Interior |
| 02/03/2019 | Enchente atinge produção de frutas e hortaliças em municípios do AM | Defesa civil | Interior |
| 21/06/2019 | Cheia dos rios do AM causa prejuízo de R\$ 60 milhões a produtores | CPRM | Interior |
| 14/07/2019 | Nível do Rio Negro reduz mais de 30 cm nos últimos dias, aponta CPRM | CPRM | Interior |

Fonte: Elaboração dos autores (2021)

A partir das categorias foi realizado o tratamento das matérias, fazendo a interpretação dos resultados brutos por meio da análise categorial buscando a confirmação, ou refutação, das hipóteses previamente propostas.

As notícias sobre as cheias em discussão

A análise das categorias indica que maior parte das notícias coletadas estão voltadas para os impactos da cheia na capital do Amazonas, levando em maior consideração o Rio Negro. Uma breve leitura nos títulos das matérias indica que, dentre 17 notícias que pautam Manaus, 10 delas contém as palavras Rio Negro em seu título, como por exemplo “Rio Negro alcança 29,44m e Manaus registra quinta maior cheia, diz

CPRM” (G1 em 06/06/2014), “Nível do Rio Negro em Manaus atinge cota de emergência, diz CPRM” (G1 em 25/05/2014) e “Nível do Rio Negro reduz mais de 30 cm nos últimos dias, aponta CPRM” (G1 em 14/07/2019). É preciso destacar que tal ação não se restringe apenas a um portal de notícias, mas é empregada pela maioria deles.

Parte dos títulos das matérias coletadas carregam uma carga dramática para despertar o interesse do leitor, resgatando a memória popular em relação às cheias consideradas históricas ou utilizam a expressão “cheia recorde” ou “cheia histórica” com a mesma finalidade. Vejamos como exemplo “Amazonas registra a maior cheia em 110 anos” (A Crítica em 16/05/2012), e “Com 29,78m, Rio Negro tem novo recorde e ultrapassa cheia de 2009” (G1 em 31/05/2012) e “Rio Negro está a 2 metros de cheia histórica, em Manaus” (G1 em 22/04/2017).

Outro aspecto que pode ser ressaltado é a veiculação de entrevistas com especialistas vinculados a órgãos atuantes nas cheias, pois este recurso atualiza a credibilidade da fonte ao mesmo tempo que permite ao leitor um saber científico traduzido, envolvendo-o na pauta. Conforme entrevista realizada pelo veículo D24AM em 2018, concedida por Jochen Schongart, líder do grupo de pesquisa Ecologia, Monitoramento e Uso Sustentável de Áreas Úmidas (Maua), vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa):

Neste mês de março o rio encheu pouco, passando por um fenômeno chamado de repiquete nos últimos dias (estagnação do nível das águas até uma pequena descida), e agora aparentemente o rio está começando a encher novamente”, diz Schongart. (D24AM, 2018)

Ademais, a partir da categorização das notícias tornou-se perceptível que os pesquisadores e órgãos especialistas têm maior participação nas pautas voltadas para a capital, Manaus. Os portais locais A Crítica, G1 e Em Tempo utilizam a Defesa Civil Estadual como fonte de informação sobre a situação da cheia nos municípios do interior do estado. Em algumas exceções outros órgãos como a Secretaria Municipal de Saúde (Semsu) e o Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) dão sua palavra para complementar a pauta, pois a Defesa Civil age apenas no gerenciamento das crises geradas pela cheia. Dessa forma, a pauta sobre o interior sugere a baixa presença da participação dos órgãos

especialistas na construção das narrativas sobre as cheias. Como pode ser visto no seguinte trecho:

Segundo o Coronel Fernando Pires Júnior, Secretário da Defesa Civil do Amazonas, este pode ser um cenário possível. “Estamos no período conhecido como ‘Verão Amazônico’, no entanto já nos preparamos para o inverno, mesmo que, por enquanto, não tenhamos nenhum fenômeno climatológico previsto. Já temos um levantamento sendo feito de quantas famílias poderão ser afetadas em 2018 pelas cheias. Esse estudo deverá ser uma boa ferramenta para que os efeitos da cheia sejam minimizados”, destacou. (Em Tempo, 2017)

Outro ponto referente ao gerenciamento dos riscos diz respeito aos programas oferecidos pelo governo para treinar os profissionais da Defesa Civil para que saibam lidar com as situações de risco decorrentes das cheias ou outros eventos naturais que possam vir a ocorrer no Amazonas. Na citação abaixo percebemos que há uma preocupação do Estado com a pauta e seu impacto no cotidiano das pessoas.

A Defesa Civil do Amazonas iniciou ontem o “Curso teórico-prático em Ações de Prevenção e Resposta”. O curso é destinado para preparação avançada dos coordenadores de Defesa Civil dos 62 municípios, visando uma possível enchente de grandes proporções em 2019 e outros eventos naturais extremos. ‘O objetivo é orientar e munir nossos coordenadores de novas técnicas, que agilizem a resposta à população, no caso de inundação e outros desastres que venham a ocorrer’, explicou Fernando Pires Júnior. (A CRÍTICA, 2019)

Entretanto, ainda há matérias que expõem ações da Defesa Civil voltadas exclusivamente para a mitigação dos riscos climáticos. Tal constatação revela a situação atual, apesar dos avanços sobre a questão das enchentes, o governo amazonense ainda caminha lentamente em direção as ações de adaptação ideais.

Segundo Cleodivan Menezes, chefe da Divisão de Suporte da pasta, a primeira ação em uma nova cheia é a construção de pontes de acesso a mais de três mil casas que ficam isoladas quando a cota do rio ultrapassa 28 metros. No ano passado, quatro mil metros de ponte foram construídos e seis mil metros cúbicos de madeiras distribuídos. (G1, 2013)

A mídia local apresenta uma centralidade nas informações da capital. Isso se revelou a partir das frequências das matérias relacionadas aos desdobramentos das cheias na região. O trato dispensado ao interior do estado apresenta diversas limitações. Observamos que há uma abordagem aprofundada da pauta climática quando ela afeta o cotidiano da capital, em contraponto as informações a respeito de outros municípios que são apresentadas sem detalhamentos. As notícias direcionadas ao interior são breves e,

em sua maioria, abordam a situação de várias cidades em pouquíssimos parágrafos, com dados fornecidos pela defesa civil.

Quanto à estratégia da lembrança de cheias consideradas históricas para adicionar dramaticidade à notícia, este recurso apresentou uma frequência elevada nos artigos, como pode ser identificado no exemplo a seguir:

Em 2015, o nível do rio Negro, em Manaus, atingiu 29,66 metros, em 2014 e 2013 foram registradas as marcas de 29,33 metros e 29,50 metros, respectivamente, e em 2012, atingiu 29,97 metros, a maior cheia no registro, e em 2009, foi de 29,77 metros. Antes disso, Manaus teve cheias acima de 29 metros somente na década de 1970 (1971, 1975, 1976), e nos anos de 1958, 1922 e 1909. (A Crítica, 2017)

Tal recurso pode ser compreendido como algo utilizado pela mídia local para encaixar o tema dentro dos critérios de noticiabilidade, buscando atrair leitores por meio da recuperação de cheias históricas como fonte de memória.

A relação perito e leigo pode ser identificada em títulos que demonstram o papel “decisório” nas mãos dos especialistas, como por exemplo, “Serviço Geológico descarta cheia recorde em 2013, no Amazonas” (G1 em 01/04/2013), “Cheia deste ano poderá ser 2ª maior da história de Manaus, diz CPRM” (G1 em 06/06/2015) e “Cheia do Rio Negro deve ficar abaixo da média em 2016, diz CPRM no AM” (G1 em 31/05/2016). Por meio destes títulos torna-se perceptível como o leigo está passivo à produção científica gerada pelos órgãos especialistas.

Em contraponto, a imprensa deve ser a ponte que une o saber científico e a população, procurando traduzir a linguagem científica para que o cidadão passe a entender por que estes fenômenos acontecem. É possível comparar duas notícias de veículos diferentes para relatar como é necessário utilizar uma linguagem acessível a todos, ambas são entrevistas sobre o modelo matemático utilizado para prever o regime de chuvas, desenvolvido pelo pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Jochen Schongart.

Ele fez o prognóstico de acordo com o modelo matemático que desenvolveu para a previsão de cheias do rio Negro, e evidenciou o aumento das grandes cheias, assim como das secas severas, que tem sido observado nos últimos 30 anos. “Esta intensificação do ciclo hidrológico da bacia amazônica é resultado de níveis máximos (cheia) e mínimos (seca) mais intensos e frequentes”, afirmou. (A Crítica, 2017)

No primeiro exemplo pode ser identificada uma linguagem mais técnica, que dificulta o entendimento do cidadão comum, desconsiderando-o como parte afetada pelo processo das cheias.

O pesquisador explica que, depois de uma série de cheias extremas, o modelo prevê uma cheia abaixo da média das enchentes históricas. “Com essa previsão dá para ficar tranquilo, porém, é sempre importante acompanhar e monitorar daqui pra frente o comportamento do nível da água”, diz Schongart. A média histórica do rio Negro é de 27,87 metros com base nos dados que se tem desde 1903. (D24AM, 2018)

No segundo exemplo depara-se com uma linguagem mais aproximativa, a qual objetiva demonstrar ao cidadão de forma simplificada como será a cheia daquele ano. Sendo assim, é clara a necessidade de acolher o cidadão e informá-lo de maneira clara sobre as mudanças climáticas e como elas podem afetá-lo.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar o papel dos portais de notícias amazonenses sobre as cheias dos rios e seu impacto na vida cotidiana do cidadão. Partimos do suposto que a mídia exerce um papel de ponte entre o saber especializado e a população comportando-se como tradutora.

Os riscos advindos da produção tecnológica desenfreada geram impactos gigantescos, a sociedade baseia seu comportamento conforme o limiar de segurança estabelecido pelos peritos. A produção de riquezas está acompanhada de seus ônus, a população mundial está em constante alerta sobre os riscos climáticos, sejam eles tsunamis, furacões ou enchentes.

A população amazonense é um grande exemplo do sistema estabelecido entre leigos e peritos em torno dos riscos ambientais e tecnológicos. O Amazonense vive seu cotidiano com base em saberes que para ele são abstratos, a cheia dos rios define se o preço dos alimentos será alto, se os pontos de comércio próximos ao rio irão perder mercadorias, se sua casa será invadida pela água e seus móveis serão perdidos.

Os meios de comunicação têm papel ativo na percepção do indivíduo quanto aos riscos ambientais e climáticos e sobre as ações governamentais empregadas para lidar com tais eventos. No entanto, parte da população regional torna-se invisível diante dos

noticiários sobre as cheias, o que dificulta a compreensão dos fenômenos e os sujeitos inseridos neste processo.

Neste sentido, observamos que os órgãos desenvolvedores de pesquisa e especialistas na área tem participação intensa muito focada na capital, enquanto as notícias envolvendo os municípios do interior do Amazonas são em sua maioria discutidas com participação da defesa civil estadual.

Referências

ALMEIDA, Jalcione. **A sociologia e as mudanças climáticas**. Sociologias, v. 21, n. 51, p. 9-17, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BECK, Ulrich. **A sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

Cheia deste ano estará entre as 12 maiores dos últimos 115 anos. **A Crítica**. 23 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/a-cheia-de-2017-no-rio-negro-em-manaus-deve-ser-uma-das-doze-maiores-dos-ultimos-115-anos>>. Acesso em: 2 de mar. 2019

Cheia do rio Negro não deve afetar Manaus e zonas rurais, aponta pesquisador. **D24AM**. 20 mar. 2018. Disponível em: <<https://d24am.com/amazonas/cheia-do-rio-negro-nao-deve-afetar-manaus-e-zonas-rurais-aponta-pesquisador/>>. Acesso em: 2 de mar. 2019

Cheia dos rios alaga casas e ruas em Eirunepé, no Amazonas. **G1**. 08 abr. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2013/04/cheia-dos-rios-alaga-casas-e-ruas-em-eirunepe-no-amazonas.html>>. Acesso em: 2 de mar. 2019

Cheia dos rios do AM causa prejuízo de R\$ 60 milhões a produtores. **A Crítica**. 21 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/cheia-dos-rios-do-am-causa-prejuizo-de-r-60-milhoes-a-produtores>>. Acesso em: 14 de jul. 2019

Defesa Civil do Amazonas destaca possibilidade de grande cheia para 2018. **Em Tempo**. 25 out. 2017. Disponível em: <<https://d.emtempo.com.br/amazonas-cidades/81749/defesa-civil-do-amazonas-destaca-possibilidade-de-grande-cheia-para-2018>>. Acesso em: 2 de mar. 2019

DI GIULIO, Gabriela; FIGUEIREDO, Bernardino; FERREIRA, Lucia. **Comunicação e governança de risco: um debate necessário**. In: ComCiência, Campinas, n.104, 2008.

GIULIO, Gabriela Marques Di; RODAS, Caroline de Araújo. **Mídia brasileira e mudanças climáticas: uma análise sobre tendências da cobertura jornalística, abordagens e critérios de noticiabilidade**. Desenvolvimento e Meio ambiente, v. 40, n. 0, 30 Abr 2017.

GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

Lisboa, Silvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, Imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência**. Dissertação de mestrado (mestrado em comunicação e informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

LOURENÇO, Milene. **A prática da comunicação de risco nas organizações**. In: Facesi em revista. Ano 4, Volume 4, 2012.

Nível do Rio Negro em Manaus atinge cota de emergência, diz CPRM. **G1**. 25 mai. 2014.

SANTOS, Fernanda Marsaro dos. **Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012.